

INTERNET, HIPERTEXTO E MANIFESTAÇÕES VIA WEB:

o caso do Movimento Zapatista

André Luiz Silva
andre.alavaresesilva@gmail.com
<http://goo.gl/idhY1f>

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo observar de que maneira a internet pode ser utilizada como instrumento de ação política, de maneira a potencializar um movimento com expressão regional ou, quando muito, nacional em âmbito mundial. Para isso, lança-se mão do estudo de caso com prática metodológica e analisa-se como o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), um grupo guerrilheiro pioneiro no uso da internet, utiliza a rede, por meio de uma página na web (www.enlacezapatista.ezln.org.mx), para reivindicar seus direitos e combater a política neoliberal adotada pelo México desde o governo do presidente Carlos Salinas de Gortari. Ao longo da análise, foi possível perceber frequente uso de recursos hipertextuais, hipermidiáticos e interativos para dar maior visibilidade às questões do movimento.

Palavras-Chave: Movimento Zapatista; hipertexto; linguagem; discurso

1 Estudo de caso

Para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se pelo estudo de caso como modalidade de pesquisa, já que se trata de um objeto extremo¹ e pioneiro: o uso da web como instrumento de ação política em âmbito nacional e mundial. Nesse sentido, torna-se importante descrever, delimitar e contextualizar o que vem a ser essa prática metodológica, bem como suas (des)vantagens.

Segundo Yin (2005), estudo de caso é uma investigação empírica cujo objetivo é compreender e fixar limites entre o fenômeno e o contexto em que ele apresenta-se. Em relação a isso, Alves-Mazzotti (2006) afirma que, por vezes, as características do objeto ultrapassam seus limites, confundindo-se com o contexto.

1 Conforme Yin (n.a.), três situações justificam usar o estudo de caso: (i) para testar uma hipótese; (ii) quando o caso é único ou extremo; e (iii) um fenômeno não investigado anteriormente.

A princípio, essa prática se enquadra como método qualitativo, em que o pesquisador busca analisar o fenômeno de maneira ampla e sistemática, num movimento vertical profundo. “Mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objetivo delimitado – problema da pesquisa –, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida plenamente pela análise e pela avaliação quantitativa.” (MARTINS, 2000: 36). Apesar disso, Yin (2005) defende que métodos quantitativos podem compor o estudo de caso.

É importante, outrossim, desfazer outros mal-entendidos que permeiam essa prática. Embora, na maior parte dos casos, as pesquisas optem por analisar um único objeto, é possível, a título de comparação, confrontar casos múltiplos. Outra ressalva pertinente pode-se fazer acerca da dimensão do estudo de caso. Com frequência, a modalidade é vista como procedimento para coleta de dados.

Pesquisas desse tipo não seguem procedimentos predeterminados, já que a maneira de conduzir o estudo de caso dependerá do objeto e do contexto em questão. Gil (1996), porém, identifica quatro fases comuns aos trabalhos que lançam mão dessa prática metodológica: “a) delimitação da unidade-caso; b) coleta de dados; c) análise e interpretação de dados; d) redação do relatório.” (121).

Dessa maneira, inicialmente, define-se o caso ou o fenômeno sobre o qual se deseja estudar; esse pode ser uma pessoa, uma comunidade, uma escola etc. Em seguida, escolhe(m)-se o(s) método(s) de análise do objeto – dados secundários, entrevistas, observações, histórias de vida, entre outros. Feito isso, procede-se as duas últimas etapas: a interpretação dos dados obtidos e a redação do relatório.

Ainda de acordo com Gil (1996), uma boa estratégia para analisar os dados obtidos é usar categorias analíticas. Essas são, grosso modo, maneiras de recortar aspectos do objeto(s) a ser(em) explorado(s) na pesquisa. “A seleção de aspectos mais relevantes e a determinação do recorte é, pois, crucial para atingirmos os propósitos do estudo e chegarmos a uma compreensão mais completa sobre a situação estudada.” (MARTINS, 2000: 37).

A maior crítica feita aos estudos de caso é a impossibilidade de generalização, já que se trata de observações de um caso único. Alves-Mazzotti (2006), entretanto, contra-

argumenta: “[...] se não se pode generalizar a partir de um único caso, também não se pode generalizar com base em um único experimento”. (646).

2 Movimento Zapatista

Como mostra Pennaforte (2001), a história do México é singular por um sem número de acontecimentos: único país da América Latina em que não houve ditadura militar; berço de importantes civilizações – maias, toltecas e astecas –; culturalmente, palco de expressões de vanguarda, como o Movimento Muralista; viveu uma tensa Revolução Social em 1910; sustentou um único partido político no poder por 71 anos; a principal emissora de televisão detém 71% da audiência do país.

Em sua história recente, com a adoção do neoliberalismo como modelo político-econômico, o país sofreu graves crises internas. O México passou a depender dos produtos internacionais, sobretudo dos Estados Unidos, já que a produção nacional entrou em colapso devido à concorrência com empresas canadenses e norte-americanas. Segundo Pennaforte (2001), isso repercutiu diretamente na economia e na sociedade mexicana: o desemprego e a pobreza aumentaram, o Produto Interno Bruto (PIB) caiu 7%, a moeda se desvalorizou em 40%, entre outras consequências.

Diante desse cenário, em 1º de janeiro de 1994, data em que o Nafta entrava em vigor, no Estado de Chiapas (o mais pobre do país), surgiu o Movimento Zapatista. “Ao mesmo tempo em que o quadro social se deteriorava surgia no sul do México a primeira guerrilha pós-Guerra Fria: o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Sua plataforma política era anti-neoliberal, priorizando os ‘esquecidos’ [...]”. (PENNAFORTE, 2001: 76).

Embora estivesse no meio das florestas mexicanas, o principal instrumento de ação do EZLN foi (é) a internet, pelo site do Movimento (www.enlacezapatista.ezln.org.mx), em que há a revista do Movimento, uma rádio 24 horas e outros conteúdos informativos. É a partir da web que o grupo cria redes internacionais de mobilização contra o neoliberalismo e a exclusão das minorias.

De acordo com Cavalcanti (2001), o Movimento Zapatista foi pioneiro no uso da internet como meio de reivindicação política e social:

[...] o primeiro grupo organizado a empreender, através da Web, uma oposição sistemática contra os efeitos da globalização econômica. O exemplo seria seguido por milhares de outros ativistas, em todas as partes do globo, que passaram a explorar a descentralização e a transmissão horizontal das informações na rede para formar uma rede intercontinental alternativa contra o liberalismo. (Cavalcanti, 2001: 1).

Dessa maneira, de acordo com Cavalcanti (2001), os zapatistas criaram uma alternativa para a divulgação do Movimento, quebrando as barreiras geográficas e o cerceamento imposto pelas mídias tradicionais, que só noticiam a versão do governo de Carlos Salinas de Gortari. Além de usar as novas tecnologias para divulgar suas insatisfações, outra ação pioneira empreendida por eles foi o modo de guerrilhar, alternativo e pacífico.

3 Análise e interpretação dos dados

Antes de qualquer exposição, análise e interpretação de dados, torna-se salutar conceituar alguns termos recorrentes neste trabalho de forma a delimitar o campo de pesquisa. Para maior dinamismo deste estudo de caso, porém, opta-se por pontuar os conceitos aqui pertinentes e, imediatamente em seguida, propor um olhar de como tais conceitos apresentam-se no *site* do Movimento Zapatista.

Segundo Ribeiro (2006), a noção de hipertexto surge, inicialmente, em 1945, quando Vannervar Bush publica o texto *As we may think*, em que apresenta algumas invenções de guerra que poderiam ajudar o homem comum no dia a dia, entre elas uma máquina capaz de arquivar memória. Apesar disso, a autora lembra que não foi Bush o primeiro a utilizar o termo hipertexto.

Ainda de acordo com Ribeiro (2006), foi Theodore Nelson, 20 anos depois de Bush, que denominou hipertexto como sendo blocos de textos aleatórios, não lineares e interconectados. A ideia de Nelson era desenvolver um sistema que funcionasse de maneira semelhante à mente, que produz pensamentos não sequenciais.

Nesse sentido, vale uma citação do filósofo francês Pierre Lévy a fim de conceituar hipertexto:

Tecnicamente é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informações não são ligados linearmente [...]. (LÉVY, 1993: 32).

Uma discussão que ainda hoje divide pesquisadores do hipertexto diz respeito ao surgimento do hipertexto. Para alguns, ele surge com a tecnologia, só podendo existir no computador, por meio dos *hiperlinks*; para outros, porém, para ser hipertexto basta ser não linear, mesmo estando no papel. Este estudo de caso se alinha com a segunda hipótese.

Para reforçar o argumento, recorre-se a Dias (1999), segundo a qual ainda no século IX d.C., os contos árabes *Les mille et une Nuits* foram os primeiros impressos a utilizar a ideia de *links* nos textos, os quais apresentavam um encadeamento entre eles. Posteriormente, em outros momentos da história, novos elementos dos livros contribuíram para esta ideia de hipertexto. “Por meio das notas de rodapé e das referências bibliográficas, o leitor passou a ter conhecimento de outros livros que tratavam do mesmo assunto. Essa nova forma de interação com o conteúdo da obra já mostrava uma certa tendência à não-linearidade.” (DIAS, 1999: 270).

Tendo discutido a noção de hipertexto, bem como contextualizado a origem e a evolução do conceito, cabe, agora, perceber a maneira como ele aparece no *site* do movimento zapatista. Quantitativamente, pode-se contabilizar, somente na homepage, mais de 40 *hiperlinks*, sendo todos eles direcionados para o próprio *site* do movimento, exceção feita aos *links* “Revista Rebeldía”, “Palabra”, “Zeztainternacional” e “Radio Insurgente”, os quais direcionam os visitantes para um *hotsite* específico.

Os *hiperlinks* do *site* estão distribuídos e 11 seções: “Comunicados de las Juntas de Buen Gobierno”, “Construyendo la Autonomía”, “Archivo Histórico”, “Denuncias”, “Actividades”, “Caminando”, “Em el Mundo”, “Red nacional contra la represión y por la

solidariedad”, “Revista Rebeldía”, “Comunicados de la Comisión Sexta del EZLN”, “Artículos”.

Qualitativamente, pode-se perceber que o Movimento Zapatista prima pela atualização do *site*, fazendo com que os membros e os adeptos da causa tenham novas informações diariamente. Com isso, pode afirmar que os guerrilheiros virtuais cumprem o objetivo de potencializar as reivindicações para além do âmbito regional.

Um exemplo disso é a seção “Actividades”, que é atualizada até três vezes ao dia – Figura 1. Há ressaltar, porém, que outras seções estão desatualizadas, como a “Construyendo la Autonomía”, que está sem atualização desde maio de 2010.

FIGURA 1 – Seção “Actividades” do site do Movimento Zapatista



Fonte: www.enlacezapatista.ezln.org.mx

Entendendo a hipermídia, conforme é defendido por Rocha e Ribeiro (2009), como um processo de convergência oriundo de diferentes modos de comunicação – textos escritos, fotos, vídeos, áudios etc. –, em que há possibilidade de (re)combinação e intervenção por parte dos leitores, pode considerar o site do Movimento Zapatista como sendo em parte hipermediático.

Se por um lado, a página da guerrilha permite a convergência de textos e imagens, por meio da “Revista Rebeldía” – Figura 2 –, e de textos, imagens e áudios, por meio da

“Radio Insurgente” – Figura 3 –; por outro, não permite intervenção do usuário, seja para intervir na construção do site, seja para (re)combinar, alterar a maneira como o site está disposto (layout), as ideias ali colocadas, bem como editá-lo.

FIGURA 2 – “Revista RebellDía”



Fonte: www.enlace Zapatista.ezln.org.mx

FIGURA 3 – “Radio Insurgente”



Fonte: www.enlacezapatista.ezln.org.mx

Sendo assim, acredita-se que, nessas condições, o *site* do Movimento Zapatista atinge em parte o objetivo de ser uma ferramenta multimidiática, na qual as mídias se integram e os leitores têm autonomia para (re)combiná-las, desfazê-las e até criar novas possibilidades de convergência. Isso, ao que tudo indica, é de suma importância para um movimento que pretende ser do e para o povo.

Nesse sentido, lança-se mão da ideia de interação proposta por Primo (2003). O autor propõe três noções de interatividade: (i) reativa, isto é, aquela em que o *site* só responde a estímulos pré-programados; (ii) aberta, que permite até um certo nível de intervenção do leitor; e (iii) cooperativa, no qual ocorre um processo de coautoria entre leitor e produtor.

O *site* do Movimento Zapatista, como se pode perceber, não chega ao nível máximo de interação proposto por Primo (2003), já que não promove uma ideia de cooperação na construção e manutenção das páginas. Apesar disso, há espaços para a participação dos leitores, por meio de comentários – Figura 4 –, por exemplo. Com isso, pode-se considerar que essa participação chega a ser uma interação aberta, uma vez que os leitores têm a oportunidade de manifestar opinião.

FIGURA 4 – “Radio Insurgente”



Fonte: www.enlacezapatista.ezln.org.mx

Considerações finais

A partir do uso do estudo de caso como meio de investigação empírica, este trabalho tentou demonstrar como a noção de hipertexto, de hipermídia e de interação – categorias de análise escolhidas – estão (ausentes) presentes no site do Exército Zapatista de Libertação Nacional, um grupo de guerrilheiros mexicanos, que, em 1994, lançou mão da internet para divulgar o movimento, ultrapassando as barreiras regionais e chegando ao âmbito nacional e mundial.

Dessa forma, foi possível perceber que o hipertexto está presente no site, por meio dos mais de 40 hiperlinks só na página inicial, configurando uma sequência não linear, na qual o leitor pode escolher (não) clicar. Isso vai ao encontro da noção de teia interligada por nós proposta por Lévy (1993).

Em relação ao uso (ou não) dos recursos multimídia, o site do movimento, com algumas limitações, integra mídias distintas, levando em consideração o uso de textos, imagens e áudio, no caso da “Radio Insurgente”; e textos e imagens, no caso da “Revista Rebeldía”. Por último, observou-se a noção de interação presente no site. Pode-se perceber que a relação entre o leitor e o Movimento Zapatista, que produz o site, não

chega a ser cooperativa, já que o internauta não é coautor na produção e atualização dos conteúdos. No entanto, há espaço para comentário, entre outros espaços de interação. Nesse sentido, acredita-se que há uma relação aberta, que de acordo com Primo (2003), é um nível intermediário de interatividade.

Por fim, a partir deste trabalho, não se pode concluir se o fato de o Movimento Zapatista ter levado suas reivindicações para a internet contribuiu (ou não) para a expansão do movimento político em Chiapas, tornando um ato de expressão nacional ou mesmo mundial. Fato é que se o movimento político dos zapatistas não tivesse chegado à Rede, talvez nem mesmo esta pesquisa fosse realizada, sobretudo, em outro país.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 129, set./dez. 2006, p. 637-651.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SANDER, Emir; GENTILI, Pablo (Orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 32-47.

DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 3, dez. 1999. Disponível em: <<http://goo.gl/ezHJu9>>. Acesso em: 19 nov. 2011.

GIL, Antonio C. (1996). **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas. p. 121-125.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. (Coleção TRANS).

MARTINS, Gilberto de A. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 2000. p. 36-38.

PENNAFORTE, Charles. **América Latina e o neoliberalismo: Argentina, Chile e México**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2001. p. 29-35; 39-42; 74-90.

PRIMO, Alex. Quão interativo é o hipertexto?: Da interface potencial à escrita coletiva. **Fronteiras: Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, RS, v. 5, n. 2, 2003, p. 125-142.

RIBEIRO, Ana E. Leituras sobre hipertexto: trilhas para o pesquisador. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 11., 2006, Uberlândia-MG. **Anais...** Recife: Núcleo de Estudos do Hipertexto (NEHTE). Disponível em: <<http://goo.gl/waoSmg>>. Acesso em: 26 set. 2011.

ROCHA, Jorge; RIBEIRO, Ana Elisa. Hipermídia e processos editoriais de produção da reportagem: o caso da "Crônica de uma catástrofe ambiental". In: ENCONTRO NACIONAL

SOBRE HIPERTEXTO, 3., 2009, Belo Horizonte-MG. **Anais...** Belo Horizonte: Grupo de Discussão Edição e Novas Tecnologias. Disponível em: <<http://goo.gl/RbTyxD>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Tradução Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. p. 19-21; 29-38; 115-121.

SOBRE O AUTOR:

André Luiz Silva – Doutorando em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. É mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG (2014). Possui título de especialista em Revisão de Textos pelo IEC/PUC Minas (2012) e bacharelado em Jornalismo. É pesquisador do Centro de Apoio a Pesquisas sobre Televisão (CAPTE).